



## SER TRANSGÊNERO, LIBERDADE E COMPREENSÃO AOS 40 ANOS

*Axel*

Um picolé de brinquedo em material plástico. Era este o artefato que eu, menino, usava para fingir de órgão genital, mais popularmente conhecido como "pau". A brincadeira vendida pelos fabricantes do picolé era esguichar água (até hoje não compreendo bem a relação disso - picolé/jato de água). Desse modo, tinha-se um produto plástico no formato de um picolé mordido, com um buraco maior na base para entrar água e um furinho menor na ponta, para sair água. Ou seja, quando o tal picolé estava cheio de água, bastava apertar no centro para que um fraco, porém, atrevido jato de água fosse lançado para fora. Não lembro em que situação ganhei esse brinquedo, talvez em alguma barraquinha de pescaria em festa junina. Mas, lembro bem o uso que fazia dele. Enchia o picolé de água na pia do banheiro, levantava a tampa da privada, colocava o brinquedo na altura da minha genitália e... mandava bala na mijada. Xixi que não era xixi, evidentemente. Mas, era como eu gostaria que fosse. Portanto, ali estava o pequeno eu, diante de uma privada fingindo ter um pau e mijar de pé, assim como o meu pai, como os outros homens com os quais eu me identificava.

Do banheiro, outras contundentes lembranças de infância. Era lá que eu também fingia fazer a barba, com o pincel de barbear de cabo vermelho do meu avô, com a gilete do meu pai e a sua loção pós-barba. Da loção, só ficava a fantasia de usar, porque se eu passasse, sentiriam o cheiro, claro. E aquilo não era coisa pra criança (ou menina?), diriam.

E seguiu-se uma infância meio feliz, meio triste. Jogando bola na rua, sem camisa; brincando de carrinho, boneco do Rambo e de luta com os coleguinhas. Tudo que era de moleque, eu gostava, com exceção de soltar pipa, que nunca fui muito chegado. Mas, no futebol dava nó nas pernas dos garotos. Bolinha de gude, carrinho de rolimã e todo tipo de "pique" era certo nas minhas tardes. Adorava subir e escalar muros, dar saltos, criar desafios aventureiros. Sem querer perceber que eu era "diferente" deles, ia sendo feliz. Até que a realidade bate no seu ombro. Mamãe diz que menina não deve andar sem camisa, que já não posso ficar jogando bola na rua com os garotos com a mesma liberdade, que já estou uma mocinha e os meninos são danados. Aquela mesma realidade que me impediu de me fantasiar de bate-bola, de usar kichute, de me vestir de cowboy, agora aparecia mais austera. "Você é diferente deles" era o que o mundo me dizia. E eu aceitei.



Eu nasci em 1982, a minha adolescência se deu nos anos 90. Não havia nem uma centelha de notícia sobre homem transgênero. Mesmo sobre homossexualidade, a informação (não pejorativa e não estereotipada) era ínfima. E como não sabemos falar sobre o que não é exposto ou nomeado, não falamos. Sendo assim, cumpri (ou tentei) o rito da adolescente comum. Parei de andar sem camisa, deixei de jogar bola na rua, tive até namorado, embora sempre com a certeza de que não queria casar, engravidar e todo aquele pacote cis-heteronormativo que empurram para as “mulheres”. Não posso dizer que fui martirizado, mas também não fui feliz. Nunca era o meu lugar, nunca era especial, faltava algo, mas eu não sabia o que faltava.

Correndo em paralelo, durante infância e adolescência, eu me via com um sentimento diferente diante de algumas meninas ou mulheres. Um negocinho, uma coisa. Algo que, ao mesmo tempo, me deixava nervoso ou abobado e era gostoso. Demorou, mas depois de transar com a primeira menina, assumi-me lésbica, lá pelos meus 19/20 anos. Então, vieram as festas LGBTs, as noites. E veio um namoro sério e dele, um casamento. Vivi o que é ser um casal de lésbicas. E aprendi muito com isso, mas não o suficiente para enxergar ou admitir o que eu precisava. Tanto que, vieram outras relações e eu continuei de olhos fechados.

Entretanto, alguém já disse que aquilo que tentamos reprimir, alguma hora estoura e bem mais forte. Eu tive muitos sinais sobre aquilo que eu sou ou como sinto o mundo, sobre o meu lugar em uma relação amorosa/sexual, mas eu estava de mãos atadas.

Quando você é criança ou adolescente na época em que eu fui e você percebe que gostaria muito de ter nascido com o gênero com o qual não nasceu, nada te resta a não ser duas saídas: ou você vive uma vida extremamente infeliz, depressiva e com risco de pôr fim à sua existência ou você se esforça para "aceitar" como você nasceu e fazer o melhor possível com isso. E é tanto esforço para se "enquadrar" que você acaba mesmo se enquadrando. Fica de tal maneira preso nas amarras que você teceu, que parece que não vai sair. Eu encontrei um lugar de conforto sendo lésbica, algo que, de certa maneira, permitia que eu não precisasse arcar com todas aquelas imposições "feminilizantes", social ou fisicamente. Mas, eu não me identificava, no fundo. Eu não tinha o orgulho de ser uma mulher lésbica. Simplesmente porque para ser lésbica, você tem que se sentir, se ver, se identificar com ser mulher, uma mulher que ama outras mulheres. E, eu finalmente, pude admitir pra mim mesmo, com 39 anos, aquilo que o menino de 9 anos sempre soube: eu nunca fui uma mulher.

Eu preciso agradecer a todas as gerações que vieram depois de mim, a uma molecada que me ensina muito, que tem coragem, que é forte. Ser homem transgênero, mulher transgênero, pessoa transmasculina, transfeminina ou não binário é extremamente difícil nesse



país. A luta de cada um importa muito. Hoje, se a ciência me permite fazer, aos 40 anos, algo que era inimaginável aos 20, é graças à luta diária, política e social de cada um de vocês. Eu escrevo este texto no dia 12 de setembro de 2022, no dia 10 de setembro, eu passei a minha primeira dose de Androgel (testosterona). Não tenho pressa de nada, não tenho objetivo de chegar a lugar nenhum. Só de aproveitar o processo e me sentir mais livre a cada dia.